



LAROCHE, Michel. **La voie du silence dans la tradition des pères du désert**. Paris: Albin Michel, 2010. p. 216.

A via do silêncio dentro da tradição dos padres do deserto

Rodrigo Coppe Caldeira *

Os estudos sobre mística têm avançado consideravelmente no Brasil. Presenciamos, já há alguns anos, um despertar do interesse de filósofos, teólogos, psicólogos e historiadores sobre os fenômenos místicos em seus mais variados aspectos. De fato, os motivos para esse despertar parece, numa primeira análise, relacionados às transformações que se dão atualmente não só no campo religioso brasileiro, mas nas novas formas de religiosidades que surgem na “modernidade religiosa”, conforme expressão da socióloga francesa Hervieu-Léger. O discurso místico, que apresenta, *grosso modo*, uma relação com o divino sem necessidade de intermediações, parece, por um lado, seduzir aqueles espíritos livres que peregrinam atualmente pelas esferas religiosas das sociedades contemporâneas sem se enquadrarem facilmente em instituições já estabelecidas. Por outro, é possível ver nos místicos uma crítica a toda representação da realidade, na medida em que alguns deles negam a possibilidade de qualquer discurso sobre Deus. Fato que faz de suas experiências possíveis críticas à modernidade e a seu discurso racionalista totalizante, aproximando-os assim da experiência epistemológica da chamada pós-modernidade. Dessa forma, uma boa introdução a alguns aspectos da mística negativa, ou apofática, pode ser encontrada na obra do teólogo ortodoxo Michel Laroche, *La voie du silence dans la tradition des pères du désert*. Com o objetivo principal de apresentar as práticas antigas da meditação cristã – experiência quase totalmente desconhecida pelos cristãos ocidentais –, Laroche apresenta de forma breve e sucinta os principais aspectos da teologia mística dos padres do deserto. Tendo como objeto principal de sua busca o silêncio, o autor apresenta, em doze capítulos os principais aspectos dessa experiência religiosa, isto é, o Deus silencioso, Aquele que é

* Doutorado em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil(2009). Professor Adjunto da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Departamento de Ciências da Religião. País de origem: Brasil. E-mail: rcoppe@hotmail.com

encontrado no silêncio. Para os Padres, afirma no primeiro capítulo – *Les antinomies de la vision divine* –, “só Deus pode definir Deus” (p. 19). Citando o Pseudo-Dionísio assevera: “il faut éviter toute parole, voire toute pensée téméraires, hors de ce que nous révèlent divinement les Saintes Écritures” (p. 19).

Assim, Laroche deixa claro que aos Padres do deserto a via negativa, ou apofática, é preferível à via positiva ou catafática, que se esforça continuamente para definir o que Deus é. A via negativa, ou do silêncio, como se apresenta no título da obra, é a única humanamente possível e pode ser entendida como uma purificação da inteligência. Para o autor, a quintessência da teologia apofática pode ser resumida neste trecho de um mestre espiritual: “L’esprit (nous) qui se tourne vers Dieu suspend toute conception et information sur la nature des êtres; alors il contemple Dieu sans image ni forme et il éclaire son regard dans l’inconnaissance suprême, liée à la gloire inaccessible. Il connaît qu’il ne connaît pas, car l’objet de sa contemplation est incompréhensible. Et pourtant il connaît dans la vérité de Celui qui est par essence et qui seul possède ce que dépasse l’être” (p. 20). Eis o convite dos padres do deserto à experiência do desconhecido. Segundo Laroche, estamos assim frente a uma antinomia: o Criador é objeto do desejo de união e de conhecimento da alma, e como Criador, ele jamais pode ser objeto de contemplação.

Para explicar a via do silêncio, Laroche parte do trecho do Evangelho que afirma que “L’Esprit de vérité que le monde ne peut recevoir parce qu’il ne le voit ni ne le connaît” (João 14,17). Assim, para os homens viverem os preceitos de Cristo e renascem segundo o Espírito, devem renunciar aos valores de conhecimento deste mundo. E mais: se Deus é desconhecido, ele não pode assim ser apreendido a não ser pelo desconhecimento. Dessa forma, o caminho do silêncio, ou seja, do desconhecido, se dá, para os padres, por três vias: o esforço ascético de não-conceptualização a propósito de Deus; o próprio silêncio, que constitui uma via ascética e mística denominada hesicasmo e, por último, o terceiro grau, a mais alta experiência apofática, que Laroche exemplifica com uma frase de um padre: “Je le saisis, mais il n’est pas saisi. Je le capture, mais il n’est pas capture. Quand je suis rempli de lui je suis vide. Quand je le tiens, ce n’est pas lui. Et (pourtant) quand je demeure en lui, il demeure en moi” (p. 36). Em certa altura da obra, Laroche pergunta-se se o monaquismo é a única via para viver a experiência do silêncio. Para o autor, baseando-se na fala de Simeão, o Novo Teólogo, todos os cristãos são chamados a fazer a experiência do silêncio.

Momento importante da obra é aquela que versa sobre *le chemin angouissé du Royaume* e, junto dele, *la theologie des larmes e du silence*. Ao revisitar as falas dos padres da Igreja bizantina, Laroche conclui que o caminho que leva à experiência do silêncio é um caminho de angústia (*angoisse*), muito importante na experiência espiritual da Igreja do Oriente. O “trabalho da angústia”, como chama, constitui uma verdadeira prioridade e sinal de autêntica experiência espiritual. Um dos Padres ascéticos e místicos mais importantes do cristianismo bizantino, São Simeão, o Novo Teólogo, afirma que sem passar pelo caminho da angústia e nem enfrentar inúmeros testes é impossível ter uma experiência espiritual original. Como diz Paulo em uma de suas cartas, “Dépouillez-vous des oeuvres du vieil homme, afin d’acquérir celles de l’homme nouveau (Col 2, 9)” (p. 130). Mais à frente Simeão explica a natureza desta angústia: “Une âme que a commencé à s’enflammer de l’amour divin aperçoit d’abord l’obscurité des passions qui s’élève em elle dans le feu de l’Esprit comme une fumée; elle discerne comme en un miroir la noirceur que produit en elle la fumée, produite par les épines des pensées et le bois mort des préjugés qui sont en train de se consumer et d’être réduits en cendres” (p. 132). Assim, assumir suas angústias constitui um importante início de toda autêntica experiência espiritual.

Indissociável do silêncio interior e do caminho da angústia é a chamada “oração carismática das lágrimas”, convencionalmente nomeada de “teologia das lágrimas”. Segundo Laroche, foi Simeão, o Novo Teólogo, o autor bizantino que a elaborou de forma mais abundante. Em uma de suas falas, trazidas pelo autor, afirma: “sans larmes, en effet, on n’ajamais entendu dire qu’une ame ait été purifiée de la crasse du péché, quand elle a péché après le baptême” (p. 149). Toda a doutrina de Simeão parte deste dado, qual seja, de que a condição prévia incontornável para que a alma esteja predisposta a receber o dom das lágrimas passa pelo caminho da “angoisse”. O autor chama a atenção para a influência de São Gregório Nazienzeno sofrida por Simeão, com sua doutrina dos cinco tipos de batismo. Segundo ele, o dom das lágrimas está na mesma hierarquia de valor que concerne à graça sacramental do batismo. Laroche cita um dos representantes do hesicasmo, São João Clímaco, que aponta na mesma direção: “Elle est plus grande que le baptême lui-même, cette source des larmes que jaillit après le baptême, si audacieuse que puisse être cette affirmation. Le baptême en effet nous purifie des fautes qui l’ont precede, tandis que les larmes effacent les fautes que nous commenttons par la suite” (p. 151). É o que se chama de “segundo batismo”, o das lágrimas. São João Crisóstomo e São Gregório Palamas, o

doutor hesicasta, também são citados como representantes da “teologia das lágrimas”. O último, segundo Laroche, realizou no século XIV a melhor síntese da teologia patrística. Assim fala sobre o “batismo das lágrimas”: “La source des larmes après le baptême est supérieure au baptême; ces larmes que nous purifient et nous débarrassent des choses terrestres, qui nous élèvent et nous attachent à la grâce de la filiation divine et que par elles édifiant celui qui les possède” (p. 153). O autor chama sublinha que estas doutrinas não foram bem recepcionadas pela hierarquia da Igreja Ortodoxa, que via exagero em alguns pontos. Segundo os seus críticos, uma das causas da oposição era que ela aparentemente colocava em causa a eficácia do sacramento da confissão e, para alguns, do próprio batismo. Segundo Simeão, o sacramento da confissão não seria suficiente para alguém ser perdoado dos pecados, mas seria indispensável para entrar no Reino dos Céus que fosse purificado pelo segundo batismo, o das lágrimas. De acordo com Laroche, não se pode esquecer que esta doutrina se dá inspirada pelo hesicasmo e a sua “oração de Jesus”, que foi recepcionada e confirmada teologicamente pela Igreja do Oriente por dois de seus concílios realizados em 1341, que consagrou a obra de São Gregório Palamas, “Les Triades, défenses des saints hésychastes”. Para o autor, é importante tratar da “teologia das lágrimas” porque o “segundo nascimento pelo Espírito” se dá, para Simeão, pelo caminho das lágrimas. Para o padre, o batismo das lágrimas constitui o sinal mais claro de que a alma começa a renascer pelo Espírito Santo. O batismo do Espírito, o segundo nascimento do alto e o batismo das lágrimas são para ele a única e mesma coisa. O dom das lágrimas é um dos sinais tangíveis de que o homem inicia o caminho de sua “deificação” pelo segundo nascimento pelo Espírito. Citando João Clímaco, Laroche afirma que “le silence est la mère de la prière et l’ami des larmes, les larmes sont pour l’âme la source du silence” (p. 164). É da ascese do silêncio que, segundo os padres, provém as lágrimas em abundância.

A obra de Michel Laroche identifica de forma abrangente, porém concisa, o lugar do silêncio na mística dos Padres do deserto, oferecendo um material precioso para aqueles que desejam se iniciar na bela e rica herança da mística cristã da Igreja oriental.